



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12648 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

AS MULHERES PRETAS DA EJA E A RELAÇÃO DOCENTE

Edicarla dos Santos Marques - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Kinbelin de Souza Barros - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

Introdução

As relações estabelecidas entre docentes egressos/as do curso de História da UEFS, na atuação junto aos estudantes pretos e pretas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é o tema central desse resultado de pesquisa. É destacável a importância de trabalhos que tenham como objeto de análise a prática docente em suas múltiplas vertentes de atuação e apresentem como objetivo o estudo de egressos/as dos cursos de licenciatura. Pesquisas dessa natureza são relevantes para as instituições de Ensino Superior, pois permitem a problematização de aspectos relacionados à formação inicial, e contribuem para a reelaboração das políticas formativas estabelecidas em âmbito institucional (SALES, 2006). Na mesma proporção, são importantes as pesquisas desenvolvidas com a finalidade de identificar os/as sujeitos que compõem as salas de aula da modalidade de ensino da EJA que, *a priori*, são majoritariamente formadas por jovens e adultos trabalhadores/as, pretos/as e pobres.

Destarte, a realização desse estudo colaborou para o desenvolvimento de objetivos específicos compartilhados pelo Projeto de Pesquisa “Relação Professor e Estudante na Universidade” do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitária (NEPPU), financiado pelo CNPq. O plano de trabalho “Egressos em EJA: A relação entre professores egressos do curso de História da UEFS e os/as estudantes pretos e pretas da EJA”, vinculado ao projeto citado acima, foi desenvolvido graças ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UEFS (PROBIC-UEFS).

Os objetivos projetados para esta pesquisa foram: a) compreender as relações estabelecidas entre os/as professores/as egressos/as do curso de história da Universidade Estadual de Feira

de Santana (UEFS) e os/as estudantes pretos e pretas da Educação de jovens e adultos (EJA); b) identificar o perfil formativo dos/as professores/as egressos/as do curso de história da UEFS que atuam na EJA e o perfil sociocultural, etário e identitário do público escolar que constitui essa modalidade; c) compreender as relações que professores/as e estudantes estabelecem com o conhecimento histórico, a partir do desenvolvimento da literacia histórica; d) analisar em que medida as relações estabelecidas entre professores/as e estudantes são atravessadas por padrões de relações anteriormente estabelecidas entre os atuais professores/as egressos/as e os/as seus/suas professores/as formadores no âmbito da academia.

A pesquisa dialogou ainda com o campo da Educação Histórica (GERMINARI, 2011; RAMOS, 2013). Assim, interessou como professores/as e estudantes da EJA se relacionavam com o conhecimento histórico escolarizado, mediado pela cultura histórica. A partir do conceito de literacia histórica (LEE, 2006), buscou-se compreender os processos formativos empreendidos na construção do sentido da aprendizagem histórica. Como destaca Schmidt (2009), os sujeitos ao produzirem narrativas autorais, também produzem sentido, ao tempo que constroem formas coerentes de comunicar as suas identidades históricas. Caminhando nesse sentido a pesquisa direcionou uma investigação atenta aos elementos constituintes da cultura histórica de alunos/as pretos/pretas da EJA, para compreender como a categoria identidade tem se configurado em elemento fundamental das práticas docentes.

A abordagem qualitativa foi a perspectiva prioritária do estudo, embora também tenham sido aplicados questionários a fim de sistematizar dados sobre aspectos gerais a respeito do perfil dos sujeitos da pesquisa (CERRI, 2016). O plano de trabalho compartilhou de um momento inicial de revisão de literatura, seguido da elaboração e aplicação de questionário disponibilizado remotamente aos/as docentes, cujos critérios de participação foram 1. Ser professor/a egresso/a do curso de Licenciatura em História da UEFS; 2. Estar em pleno exercício docente em turmas da EJA no município de Feira de Santana. O instrumento contemplava três seções, a primeira direcionada à identificação do perfil docente, a segunda buscava compreender a relação dos/as professores/as com os/as estudantes da EJA e uma terceira voltada à relação dos/as professores/as da EJA com o corpo docente da sua graduação.

Também foi produzido e aplicado um questionário voltado ao público estudantil da EJA, com abrangência limitada a uma escola municipal de Feira de Santana, localizada no bairro do Viveiros. Esse levantamento inicial possibilitou a identificação do perfil racial, identitário, etário, de gênero e sociocultural do público estudantil. Na sequência foi realizada uma seleção dos sujeitos, estudantes da EJA, autodeclarados/as pretos e pretas, considerando a disponibilidade deles/as para colaborar com a produção de narrativas orais. Parte desses resultados serão apresentados nessa comunicação.

As questões direcionadas aos/as estudantes da EJA abordaram algumas dimensões sobre a aprendizagem histórica, aspectos identitários e as relações estabelecidas entre eles/as e os/as

respectivos/as professores/as de História. Os resultados da produção narrativa dialogam amplamente com elementos circunscritos na memória dos sujeitos constituintes da pesquisa. A coleta dos depoimentos junto aos/as estudantes ocorreu de forma presencial, já a coleta com os/as professores/as foi realizada de forma online, ambas a partir de roteiros semiestruturados. Após a realização das entrevistas ocorreu o processo de transcrição e análise das narrativas dos/as entrevistados/as. A presente comunicação visa contemplar a trajetória de execução do plano de trabalho de iniciação científica vinculado ao NEPPU, com ênfase no perfil estudantil das mulheres pretas da EJA.

Desenvolvimento

Por meio da coleta, via questionário, foi possível visualizar um público cada vez mais jovem presente na modalidade de ensino da EJA e majoritariamente formado por pessoas que se autodeclararam pretos e pretas cujas motivações para chegarem até a EJA são diversas: a gravidez precoce; a falta de interesse pelos conteúdos escolares; as condições de vulnerabilidade trabalhistas. É possível ratificar uma tendência já evidenciada por Isabelle C. G. Costa (2020), trata-se da presença de estudantes cada vez mais jovens ocupando as salas de aula da EJA. Os/as estudantes com a faixa etária de 18-28 anos constituem 55,1% da ocupação das salas de aula, na realidade investigada. A partir da análise de dados etários, notou-se que quanto mais jovens as justificativas para a não conclusão dos estudos perpassam pelas duas primeiras categorias citadas acima, enquanto ao público mais adulto é possível identificar maior predominância de argumentos vinculados às demandas provenientes do mundo do trabalho.

Os dados confirmaram a alta incidência na EJA de estudantes que se reconhecem como pretos e pretas, totalizando 58,6% do público respondente, quase sessenta por cento. Os/as pardos corresponderam a 24,1%, autodeclarados brancos 13,7% e amarelos apenas 3,4%. Esses dados representam um público de pouco mais de 80% dos respondentes do questionário estudantil formado por pessoas negros/as. Referente aos dados coletados entre os/as pretos/as o perfil etário entre 18 -28 anos alcança 58,8%. Ao refletir sobre uma categoria muito característica do público da EJA, a classe trabalhadora, verifica-se que ocupa 58,6% dos estudantes no computo geral, mas esse número – já elevado – ainda é maior entre os pretos/as alcançando 64,7%, majoritariamente trabalhadores autônomos e sem carteira assinada, conforme dados da pesquisa.

Essa inversão de idades apresenta uma disparidade entre as razões que motivaram cada grupo etário a abdicar dos estudos nos anos regulares, para prosseguir com a oportunidade da EJA. Segundo Franchi e Gunther (2018) esse fato social expressa o processo da *juvenilização* da EJA, nomenclatura dada por ambos, para o movimento juvenil que tem caracterizado a modalidade. Essa juvenilização é marcada pela presença, cada vez maior, de adolescentes na EJA. Embasando-se nas teorias de Pierre Bourdieu (2003), os/as autores Franchi e Gunther trazem a diferenciação de “jovens” e “adolescentes”, que segundo a análise de Bourdieu, é fortemente marcada pelas possibilidades sociais, enquanto um “adolescente” seria aquele

jovem que pode desfrutar do seu tempo para estudar, lazer, diversão, no outro polo estaria o “jovem” que interrompe os estudos para enfrentar as responsabilidades dos mais velhos de modo prematuro.

As questões direcionadas ao público autodeclarado preto/preta possibilitaram a compreensão de aspectos mais profundos, por vezes íntimos, referentes às existências dos sujeitos que integram a EJA. Trata-se de um público que apresenta experiências de vida complexas, oralizadas nas narrativas. A exemplo de sujeitos que ainda na infância tiveram que assumir responsabilidades do mundo adulto, trabalhando para garantir a sua própria sobrevivência e/ou de familiares. Muitos/as adquiriram, de maneira precoce, uma consciência sobre a sua posição numa sociedade caracterizada pela racialização.

Dos quase sessenta por cento dos/as estudantes que se autodeclararam pretos/as, 47,0% são mulheres. Para algumas destas a consciência racial apresentou-se de modo extremamente violento e vinculada à experiência de trabalho escravo na infância e/ou adolescência

Entrevistada B: [...] a pessoa falou que ia cuidar de mim, mas quando eu cheguei lá ela me escravizou né, até que eu tive uma oportunidade e falei 'um dia eu vou fugir' e o dia chegou de ela vim e ir passear comigo e eu não querer voltar mais.

Entrevistada C: [...] já colocaram assim prato de comida igual junto com cachorro pra eu comer isso foi aqui no Centenário eu já tinha 16 anos, era mesmo assim, como eu já fui, meu pai já tinha trabalhado essas coisas na gente, quando eu vi que ela tava me dando pra eu comer de junto do cachorro porque eu era preta eu simplesmente só fiquei um dia lá, vim me bora.

Outras estudantes aprenderam de maneira orgânica a se perceberem como mulheres pretas no mundo, cujas experiências de consciência racial antecedem a própria experiência escolar, conforme relato

Entrevistada J: A professora de história é a [supressão] mas vou ti falar o que ela fala eu já sei muito, de muito tempo, então não posso dizer que foi na escola que eu aprendi minha referência foi em casa mesmo com meu pai, ele já me via a situação de ser negro e ele já passava pra gente já pra gente crescer com essa casca.

Identificou-se ainda a forma fragilizada com a qual os estudantes conseguem relacionar os conteúdos trabalhados em sala de aula com a realidade vivenciada por eles próprios, simultâneo ao esforço realizado pelos/as professores/as para estabelecer relações dos conteúdos com as dimensões da vida prática. Como é possível observar na narrativa abaixo de um/a docente

Entrevistada P. I: Não, não são em todas as aulas que a gente consegue alcançar as dimensões de vida [...]. Mas é claro que se tratando de EJA a vida prática ela é o caminho, ela é o início de praticamente tudo, mas não é sempre que isso é conseguido.

Por meio da análise das entrevistas junto aos/as estudantes e docentes, verificou-se um bom

padrão de relação interpessoal estabelecido entre discentes e docentes na unidade escolar observada. Em que pese algumas fragilidades da formação docente, sinalizadas pelos/as professores/as nas entrevistas, as relações estabelecidas por estes/as junto aos seus docentes no curso de graduação apresentam projeções nas relações que hoje estes/as docentes egressos/as desenvolvem junto ao público da EJA.

Conclusão

Com a realização da pesquisa foi possível concluir que o ambiente da modalidade da EJA é composto por um público jovem/adulto bastante complexo. Tais sujeitos apresentam diversas vulnerabilidades, que precisam ser vistas com mais sensibilidade, principalmente quando as narrativas expressam experiências de vida traumáticas e representativas de um conjunto social historicamente assentado em relações de desigualdade, sobretudo aquelas definidas por distinções raciais e/ou de gênero. Portanto, a pesquisa possibilitou acesso às vivências outras desses sujeitos, rotulados/as genericamente de “trabalhadores”. No caso específico dessa pesquisa, as mulheres pretas da EJA mostraram que com todos os percalços sabem mobilizar com coerência seus conhecimentos, não univocamente adquiridos em espaços escolares, reforçando que não são receptáculos vazios.

Como mencionado anteriormente, identificou-se uma mudança nos grupos etários que preenchem as salas de aula da EJA, possibilitando reflexões também sobre o ensino regular incapaz de acessar as expectativas formativas desses/as jovens. Cabe registro referente a incapacidade, ou inadequação, dos instrumentos dessa pesquisa no tocante a acessar os jovens pretos da EJA, particularmente do sexo masculino. Sendo a coleta de narrativas junto ao público feminino mais promissora.

Para o público mais adulto, a EJA continua sendo uma oportunidade de retomar direitos negados, como à educação. Por fim, as relações estabelecidas no âmbito escolar, na esfera interpessoal, no limite da existência desses sujeitos, é o que diversas vezes assegura a permanência deles/as nos espaços formais de ensino. Por essa razão o presente estudo além de atentar-se ao perfil desses/as estudantes, também fez incursões sobre as relações estabelecidas por estes/as junto aos/as seus/suas docentes, por entender ser esta uma dimensão tão importante quanto as demais temáticas de pesquisa relacionadas à modalidade da EJA.

Referências

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

CERRI, Luis Fernando. Dados quantitativos na reflexão didática de estudantes e professores de História. **História Hoje**, Revista de História e Ensino. Associação Nacional de História, vol. 5, n. 10 (2016).

COSTA, Isabelle C. G. Ensino de História e Jovens em situações de vulnerabilidades: a potencialidade das aulas-oficinas na Educação de Jovens e Adultos. **Dissertação**. Salvador: BA. 2020.

FRANCHI, Silvestre; GÜNTHER, Maria Cecília Camargo. Juvenilização da EJA: repercussões na Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 30, n. 53., p. 209-225, maio/2018.

GERMINARI, Geysa D. Educação Histórica: a constituição de um campo de pesquisa. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.42, p. 54-70, jun. 2011 - ISSN: 1676-2584 54.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar**, Curitiba, Especial, p. 131-150, 2006. Editora UFPR.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. Educação Histórica: articulação orgânica entre investigação e ação. **XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de História**. Departamento de História de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013.

SALES K. M. B. Egressos dos cursos de formação de professores do DCH Campus V/UNEB. Contribuições para Avaliação dos Cursos de Licenciatura. **Praxis** (Salvador), v. Nº. 4, p. 1-16, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Literacia Histórica: um desafio para a educação história no século XXI. **HISTÓRIA & ENSINO**. Londrina, v. 15, p. 09-22 ago. 2009.